

**Confira a entrevista no website da revista**

<https://www.novafisio.com.br/entrevista-de-capa-com-dr-clynton-dra-vera/#comment-28362>

### **Como o Grupo de Estudos na Doença de Parkinson (GEDOPA) foi criado?**

**Clynton:** Em 2011 eu regressei para a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Nas Universidades que eu atuei antes de voltar para o Rio (Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha – Diamantina, Minas Gerais e Universidade Federal do Paraná – Matinhos, Paraná) eu desenvolvia minhas atividades docentes (assistência, ensino, pesquisa e extensão) em temas relacionados à fisioterapia neurofuncional, mas não especificamente na doença de Parkinson. Isso ocorreu pois as cidades eram pequenas, com menos de 100 mil habitantes. Assim, eram poucos os casos de pessoas com a doença.

Ao voltar para o Rio de Janeiro, decidi investir na pesquisa científica na doença de Parkinson. Desde o início a ideia foi indissociar o ensino, a pesquisa e a extensão, conhecidos como o tripé universitário. Nesse caso, idealizei o meu plano docente centrado no tema “doença de Parkinson”. Antes da criação propriamente dita do GEDOPA eu já idealizava um espaço com identidade própria, que pudesse representar um coletivo, e não única e exclusivamente a minha imagem. Assim, foi concebido o GEDOPA para realização das atividades de ensino, pesquisa e extensão sobre a doença de Parkinson.

Oficialmente o GEDOPA foi criado em 21 de setembro de 2011 com profissionais da saúde e estudantes do curso de Fisioterapia em interesse sobre o tema. Foi bem interessante esse começo, pois naquela ocasião eu não estava credenciado em nenhum Programa de Pós-Graduação no Rio de Janeiro. Os profissionais sabiam, mas mesmo assim optaram por participar dos seminários semanais para discutir temas relacionados à fisioterapia e doença de Parkinson.

### **Como foi o início da pesquisa no GEDOPA?**

**Clynton:** Como eu expliquei anteriormente o início da pesquisa no GEDOPA coincide com a minha trajetória docente na UFRJ. Nas minhas atividades docentes na UFRJ eu investi em dois tipos de pesquisa científica: a pesquisa básica (modelo animal) e a pesquisa clínica. Para o estabelecimento da pesquisa básica contei com a grande ajuda da professora Silvana Allodi que muito gentilmente me acolheu no Laboratório de Neurobiologia Comparativa e do Desenvolvimento, no Instituto de Biofísica Carlos Chagas Filho, da UFRJ chefiado por ela. Consegui estabelecer a linha de pesquisa “Doença de Parkinson e neuroproteção após exercício físico”. Para a pesquisa clínica iniciei as atividades no Serviço de Fisioterapia do Hospital Universitário Clementino Fraga Filho e depois transferi minhas atividades para o Instituto de Neurologia Deolindo Couto, onde as atividades são realizadas até os dias de hoje. Durante os estabelecimentos dos projetos de pesquisa consegui meu credenciamento

junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação Física da UFRJ. Hoje desenvolvemos projetos de iniciação científica, mestrado e doutorado além de participar de estudos multicêntricos e colaborar em qualificações e bancas de mestrado e doutorado em centros de pesquisa, bem como, participação em sociedades científicas.

**Como foi a trajetória para o GEDOPA ser uma das referências no cenário nacional sobre a pesquisa em Fisioterapia na doença de Parkinson?**

**Clynton:** A trajetória sempre foi de superação mas tivemos, e continuamos tendo, muitas parcerias que ajudam a superar os obstáculos. Falo no plural, pois desde o início existe muita ação colaborativa entre os participantes. As dificuldades são inúmeras para que possamos conduzir pesquisa, ensino, assistência e extensão. Ainda bem que tive a felicidade de encontrar pessoas com ideais semelhantes que acreditam no projeto GEDOPA, quer sejam estudantes, pesquisadores, pacientes ou colaboradores. O GEDOPA é uma rede do fazer o bem! Acredito que o nosso ingrediente seja a superação dos desafios, o planejamento das nossas múltiplas ações (assistência, ensino, pesquisa e extensão) e o protagonismo dos nossos colaboradores (estudantes, profissionais, pacientes e a sociedade).

**Você mencionou algumas vezes a Extensão. Quais ações são feitas pelo GEDOPA nessa área?**

**Clynton:** Fico feliz por perguntar sobre isso! A Extensão é um segmento do GEDOPA muito importante! São ações que desenvolvemos para o extramuro da Universidade! São ações com o intuito de estabelecer um diálogo com a sociedade e, dessa forma, conscientizar a sociedade sobre a doença de Parkinson. Esse processo dialógico também é um processo educativo, pois as pessoas conhecendo, saberão como lidar com as pessoas que tem a doença de Parkinson. As ações de Extensão são capitaneadas pela professora Vera Lúcia Santos de Britto, que juntou-se ao GEDOPA e tem contribuído muito para compartilhar o conhecimento com a sociedade! As nossas ações de Extensão, assim como os projetos de pesquisa nascem de nossas experiências na assistência para as pessoas com doença de Parkinson, seus familiares e cuidadores.

**O que motivou o GEDOPA a criar o Projeto – Educação e Saúde na doença de Parkinson: cuidando dos pacientes, familiares e cuidadores?**

**Vera:** Durante alguns anos tivemos no ambulatório do GEDOPA, vinculado ao Serviço de Fisioterapia do Instituto de Neurologia Deolindo Couto (INDC)/UFRJ, as terças e quintas, a experiência de um atendimento interprofissional. Tivemos a parceria da Residência Multiprofissional de Saúde do Hospital Universitário Clementino Fraga Filho (UFRJ)/UFRJ e assim ficamos totalmente estimulados

pelo cuidado Multiprofissional na doença de Parkinson. As famílias e cuidadores, bem como os alunos de graduação participavam das dinâmicas e daí surgiu a idéia de montarmos um projeto de extensão.

Dessa forma, nós professores do Curso de Fisioterapia e membros do GEDOPA responsáveis pelo Projeto, conseguimos beneficiar tanto a parte acadêmica, pela exigência curricular, bem como toda uma sociedade!

### **Quem são os responsáveis pelo projeto?**

**Vera:** Eu, profa Vera Britto, Fisioterapeuta, sou a coordenadora geral e o prof. Clynton Correa o gestor, porém temos muitos colaboradores parceiros, como profissionais que atuam no INDC, no HUCFF, Instituto de Psicologia/UFRJ, Faculdade de Farmácia/UFRJ e Escola de Enfermagem Ana Nery/UFRJ, além dos alunos de extensão!

### **Qual é o propósito do Projeto?**

**Vera:** Promover uma prática integrativa, horizontal do saber, onde vários profissionais de saúde se propõem a levar conhecimento do que seja a doença de Parkinson, bem como a abordagem dos cuidados Multiprofissionais qualificados e otimizados na doença de Parkinson. Dessa forma, esperamos proporcionar aos envolvidos estratégias que priorizem ações educativas, fazendo deles protagonistas do saber e os estimulando a serem multiplicadores do conhecimento para toda uma sociedade continuamente.

### **A qual público, ele se propõe?**

**Vera:** O mais importante de uma ação extensionista é alcançar um público além dos muros das Universidades e conosco não poderia ser diferente. São pacientes com doença de Parkinson, familiares e/ou cuidadores, profissionais ou agentes de saúde, estudantes e qualquer pessoa que se interesse pelo cuidado Multiprofissional na doença de Parkinson.

### **Há quanto tempo o projeto existe?**

**Vera:** Desde outubro de 2016.

### **O que vocês poderiam descrever como os maiores desafios e benefícios desse projeto?**

**Vera:** O primeiro desafio é com a divulgação, ou seja chegar a informação para o maior número de pessoas. O segundo, nós temos uma cartilha, que estamos tentando em parceria com a Escola de Comunicação disponibilizá-la online e

assim beneficiaríamos toda uma sociedade, pelo seu alcance, mas ainda não conseguimos finalizá-la! E um terceiro desafio será a implementação do projeto no ambiente virtual. Será que os participantes ficarão estimulados? Será que as trocas e os diálogos com os colaboradores serão eficazes?

Acreditamos que teremos um grande benefício com o projeto de forma virtual, pois pode alcançar um grande número de pessoas, já que a participação dos pacientes foi sempre menor, devido a dificuldade do deslocamento ou até mesmo por não ter um acompanhante.

Um benefício do projeto e acredito ser o maior de TODOS é no ganho de conhecimento tanto dos aspectos clínicos da doença, quanto aos cuidados multiprofissionais.